

ELEMENTOS FORMADORES DOS TEXTOS DO NOVO TESTAMENTO

Israel Serique dos Santos¹

RESUMO

O Novo Testamento é uma das obras literárias mais lida no mundo. Isto se tem dado tanto pelo número considerável da população mundial que professa alguma forma de Cristianismo como também pela personalidade e dizeres de Jesus que a muitos cativa. Contudo, embora seja uma literatura sagrada, os escritos neo-testamentários trazem em sua estrutura elementos claros de seu tempo e de seu povo. O presente artigo, então, tem como finalidade apresentar estes elementos que contribuíram para a formação do Novo Testamento; evidenciando, em cada um destes, exemplos que possam elucidar o modo como tais componentes foram postos um ao lado do outro nesta literatura.

Palavras-chave: Novo Testamento; grego; hebraico; aramaico; memória.

ABSTRACT

The New Testament is one of the most widely read literary works in the world. This has given both by the considerable number of the world's population which professes some form of Christianity, but also by personality and sayings of Jesus that many captive. However, while it is a sacred literature, the New Testament writings bring light elements in the structure of its time and its people. This article, then, is to present those factors that contributed to the formation of the New Testament, showing in each of these examples that may elucidate how these components were put next to each other in this literature.

Key-words: New Testament; greek; hebraic; aramaic; memory.

INTRODUÇÃO

Entre todas as religiões, pode-se dizer que o Cristianismo é uma das que mais investe na tradução e reprodução de seus textos sagrados. A criação de sociedades bíblicas,² a formatação dos textos sagrados cristãos com o fim de alcançar os mais

¹ O autor é mestrando em Ciências da Religião pela PUC-GO, bacharel em teologia pela FACETEN-RO e complementação pedagógica em História pela FAESPE-GO; é licenciando em Pedagogia pela UVA-CE e é pastor da Igreja Presbiteriana do Setor Universitário em Goiânia, Goiás. E-mail: pr.israelserique@hotmail.com.

² No Brasil, a *Sociedade Bíblica do Brasil*.

variados grupos³ e o surgimento dos vários grupos eclesiásticos envolvidos na impressão e entrega do Novo Testamento,⁴ apontam para o fato de que o Novo Testamento é um dos textos mais lidos no mundo e, portanto, um dos que mais têm influenciado na formação da cadeia de valores e hábitos humanos.

Diante de tal constatação é pertinente que seja levantado o questionamento sobre os elementos formadores do Novo testamento; além disso, se este texto tem alcançado *status* de proeminência diante de uma parcela significativa da população mundial, é legítimo concluirmos que sua influência advém não somente da sua atribuição como obra sagrada, mas também daquilo que está escrito e que passou por um processo histórico de inserção na literatura religiosa.

Neste artigo, portanto, queremos argumentar a favor da tese que nos textos sagrados do Novo Testamento subjazem várias fontes que foram unidas com o fim de compor tal literatura. Para tanto, apresentaremos aqueles elementos que julgamos ser formadores do Novo Testamento.

2 OS ELEMENTOS FORMADORES DO NOVO TESTAMENTO

Aquele que escreve não somente age no mundo, mas também revela aquele mundo dentro de si e que é povoado pelas intuições e impressões dos fatos ocorridos no mundo fenomênico. Noutras palavras, toda produção escrita carrega consigo muito daquilo que o escritor vivencia no dia-a-dia em termos de estruturas de pensamento, conceitos, valores, estruturas gramaticais da linguagem etc.

Tal preceito aplicado ao Novo Testamento nos faz concluir que os escritos apostólicos não foram obras que tiveram sua origem tão somente no “sobrenatural”, mas também foram tecidos em uma estrutura tal que os elementos formadores de seu arcabouço explicitam muito da cultura, língua, valores, memórias etc. dos tempos em que a igreja primitiva estava em franco crescimento e, portanto, tinha em seu seio não poucos pontos de tensão que necessitavam de orientação e mediação apostólica.⁵

³ No Brasil se tornou comum encontrar as mais variadas Bíblias elaboradas com o fim de atingir as necessidades religiosas de determinado grupo social. Exemplos disso são as “Bíblia Teen”, “Bíblia da Família”, “Bíblia da Mulher”, “Bíblia de Genebra” etc.

⁴ Os *Gideões Internacionais* é um destes grupos que muito tem se esmerado no trabalho de impressão e entrega do Novo Testamento em escolas, hospitais, presídios etc.

⁵ Essas tensões e assimetrias eram decorrentes do fato de que as primeiras comunidades cristãs eram formadas por um misto de judeus e gentios, cuja matriz cultural e religiosa em muito diferiam. As questões de cunho ético, moral, de usos e costumes etc, sempre se mostravam como realidades para as quais as

Estes livros sagrados denominados, atualmente, em seu conjunto, de Novo Testamento, foram as respostas apostólicas e das comunidades cristãs originárias para estas situações de crise e que se mostram como provas inequívocas de que a religião nasce em um ambiente humano e deste se nutre tanto para melhor comunicar seus ensinamentos como também para se mostrar relevante⁶ e perpetuar-se na história.

Nesse sentido, então, é que devemos ver os escritos neo-testamentários. As palavras contidas no Novo Testamento emergem de um contexto histórico que, com todas as suas peculiaridades, mostra-se evidente em cada sentença, expressão, relato, afirmação e referência.

Esses elementos – cada sentença, expressão, relato, afirmação e referência – são as linhas mestras pelas quais o Novo Testamento foi tecido. A riqueza desta obra, portanto, mostra-se nas partes das quais ela procede; pois são partes significativas que apontam para os elementos que compunham aquele ambiente histórico no qual o Cristianismo primitivo estava inserido. Essas partes, na verdade, são testemunhas da história que não somente elucidam o modo de vida e crença da cristandade do primeiro século, mas também traz aos leitores do século XXI uma descrição de como era a sociedade greco-romana daquele tempo, o modo de vida do povo judeu e, especialmente, da igreja.

2.1 AS MEMÓRIAS INDIVIDUAIS DOS ESCRITORES

Um dos elementos mais básicos e fundamentais que compõe os escritos neo-testamentários são as reminiscências individuais daqueles que escreveram o Novo Testamento. Este conjunto de informações foi primeiramente matéria de proclamação verbal dos apóstolos e outros discípulos de Cristo, os quais gozavam de grande consideração pela igreja, devido serem, dentre outras coisas, testemunhas oculares de muitos fatos concernentes à vida de Cristo. Como afirma Bittencourt (1993, p. 26):

A comunidade cristã primitiva dava preferência à mensagem transmitida oralmente por aqueles que foram testemunhas oculares do ministério e paixão do Senhor. Esta preferência é encontrada ainda em meados do segundo século, quando Papias, bispo de Hierápolis, diz, na citação de

comunidades tinham que buscar orientação fora de suas estruturas religiosas locais. As epístolas, de uma forma mais clara, são evidências desta assertiva, visto que tratam diretamente destes assuntos.

⁶ A relevância dos escritos apostólicos para os cristãos do primeiro século justifica-se na medida em que seus escritos foram compostos com vistas a suprir as necessidades emergentes destas comunidades cristãs. Estas necessidades podem ser visualizadas no âmbito das dúvidas referentes às questões éticas, morais, de usos e costumes e outras, decorrentes das disparidades dos valores culturais entre as pessoas que formavam as primeiras comunidades cristãs do primeiro século.

Eusébio, na história Eclesiástica, III-39.4: 'Pois eu não supunha que a informação dada pelos livros poderia me ajudar mais que a palavra de viva e imorredoura voz.' Na seleção deste abundante material que constituía a mensagem da Igreja Apostólica, os doze eram o cânon e o foram enquanto viveram. Eram as colunas da Igreja [...].

Em segundo lugar, uma vez que “esses pilares, essas vozes não permaneceriam para sempre” (BITTENCOURT, 1993, p. 26), essas lembranças apostólicas individuais foram postas como o piso fundante no qual os seus escritos tiveram seu ponto de partida. De fato, nas linhas do cânon cristão não são poucas as referências nas quais os hagiógrafos evocam fatos ocorridos dos quais eles foram testemunhas oculares.

Certamente, não há que se duvidar que os escritores bíblicos muito se valeram de suas reminiscências para compor seus escritos. A maioria deles eram pessoas que tiveram contato direto com Jesus e presenciaram não poucas ações e sermões do mestre.

Como exemplo disso citamos, primeiramente, a narrativa do Evangelho segundo Lucas sobre o ministério público de Jesus. Nesta obra o escritor afirma que a composição de seu Evangelho havia sido baseada em informações “conforme nos transmitiam os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra” (Lc 1.2). Ora, tal asseveração lucana aponta para o valor e credibilidade de que o escritor deste evangelho atribuía às memórias individuais daqueles que um dia estiveram face a face com Jesus e puderam testemunhar cada um de seus feitos e palavras.

Outro importante texto que evidencia o quanto a experiência pessoal e a memória individual eram evocadas para fins de uma argumentação mais enfática é o de I Coríntios 9.1, onde Paulo afirma: “Não sou eu, porventura, livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor? Acaso, não sois fruto do meu trabalho no Senhor?”.

Nesta estrutura na qual o texto está vazado é clara a intenção do apóstolo Paulo. Todas as suas perguntas retóricas exigem um *sim* como resposta. A implicação prática disto é que, de alguma forma, Paulo está apelando para um fato anterior (êxtase? visão? sonho?) o qual ele poderia evocar de sua memória e dar a conhecer aos seus leitores, através da preservação desta memória individual na palavra escrita.

2.2 AS MEMÓRIAS DA COLETIVIDADE

Os escritos além de serem expressões da memória individual, também ressaltavam aquilo que era de conhecimento público, da comunidade. A literatura elaborada pelos

hagiógrafos era direcionada às comunidades e recebiam forte aceitação na medida em que as comunidades se viam nos mesmos escritos.

Nesse sentido, então, a memória coletiva funcionava como um fórum legitimador das informações contidas nas epístolas, nos evangelhos, Atos e Apocalipse. O consenso de que os fatos tinham ocorrido desta ou daquela maneira atribuía o *status* de veracidade aos escritos apostólicos como, também, conferia-lhes um caráter autoritativo sobre a comunidade.

O primeiro exemplo que podemos nomear desta evocação da memória coletiva é o testemunho daquele acontecimento no qual o Cristianismo tem seu fundamento,⁷ ou seja, a ressurreição de Cristo: “A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas.” (At 2.32); “Destarte, matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas.” (At 3.15); “Ora, nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem.” (At 5.32).

E em particular esses três textos são importantes, pois estão em Atos dos Apóstolos, aquele livro que narra o nascimento e o desenvolvimento da igreja primitiva, bem como a mensagem veiculada pelas comunidades originárias. Desta, o que se pode deduzir é que a proclamação da ressurreição de Jesus era *a mensagem principal* de tudo quanto deveria ser anunciado.

Nisto, a primeira prova concedida pela igreja era o testemunho verbal e pessoal da realidade histórica desse evento; e a segunda foi o registro destes testemunhos no livro de Atos dos Apóstolos, Evangelhos e Epístolas.

Um segundo exemplo que pode ser nomeado é aquele que encontramos na segunda Epístola de Pedro, quando o seu escritor trata sobre a questão que determinadas pessoas estavam criando “fábulas⁸ engenhosamente inventadas” a respeito de Jesus: “Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade.” (2 Pe 1.16).

⁷ A razão da ressurreição como doutrina fundamental do cristianismo primitivo se justifica pelas próprias palavras do apóstolo Paulo quando ele afirma que “[...] se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé”. (1 Co 5.14)

⁸ O termo grego traduzido como “fábulas” é *μῦθος*. Segundo a *Chave Lingüística do Novo Testamento*, este termo indica “estórias míticas sobre os deuses, a criação do mundo” (RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 572).

Nesse contexto, o grande argumento do escritor é que tencionava calar ou pôr em descrédito tais pessoas, era que ele (o escritor) e outros irmãos haviam sido, de fato, “testemunhas oculares”⁹ de sua manifestação no monte da transfiguração.

Ora, o peso deste argumento reside na diferença qualitativa entre alguém que está diante de um tribunal e fala aos jurados movidos tão somente por suas hipóteses, intuições ou suposições e aquele que se apresenta, juntamente com outros, como testemunha ocular do ocorrido. Assim, então, aquele ou aqueles que compuseram esta epístola evocaram para si o *status* de testemunhas fiéis.

2.3 INFORMAÇÕES RESULTANTES DE PESQUISA

No Evangelho de Lucas e Atos lê-se que o escritor destas obras atribui as informações de seu texto à árdua pesquisa e análise daquilo que foi coletado de informações:

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído. (Lc 1.1-4).

Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas. A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus. E, comendo com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. (At 1.1-4).

No primeiro texto, o escritor do Evangelho Segundo Lucas fala das fontes decorrentes das experiências individuais com o Cristo. Ele diz que aqueles que foram testemunhas oculares “empreenderam” esforços por realizar uma narrativa ordenada dos fatos concernentes à vida de Jesus e seu ministério. Em segundo lugar, o escritor fala de

⁹ O termo grego traduzido como “testemunhas oculares” é ἐπόπτης. Segundo a *Chave Lingüística do Novo Testamento*, este termo indica uma “testemunha ocular, alguém que viu com seus próprios olhos” (RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 572).

seu minucioso¹⁰ trabalho por saber como os fatos realmente se deram e, depois, escrevê-los todos.

Este minucioso trabalho diz respeito à verificação das tradições, mitos, contos e outros tipos de testemunhos sobre a vida de Jesus que possivelmente passaram pelo escrutínio investigativo do escritor. Suas formatações, lógicas internas, relações com outras tradições e memórias individuais e coletivas são difíceis de precisar; entretanto, o certo é que estes elementos foram somados para compor tanto o Evangelho Segundo Lucas como o livro de Atos.

Até o presente momento é ponto pacífico que Jesus nada tenha escrito em seu ministério. Não há nenhuma comprovação arqueológica ou histórica que aponte para esse sentido. Entretanto, o mesmo não se pode dizer dos seus discípulos. Certamente que o Novo Testamento não foram os únicos livros a serem escritos e pesquisados pela cristandade primitiva.

A polifonia interpretativa da vida de Cristo, as intersecções com outros conceitos religiosos, as ênfases particulares daqueles que narravam fatos presenciados e a seletividade das comunidades que se comprometiam com certas facetas dos discursos de Jesus; tudo isso eram fontes primárias que poderiam ser evocadas ou pesquisadas para fins de composição do Novo Testamento.

Basta para provar este ponto a citação que ainda hoje sobrevive daqueles livros que foram postos à margem dos livros canônicos. Os livros denominados de apócrifos e pseudo-epígrafos são fortes evidências que, em paralelo com as narrativas apostólicas, foram produzidas outras literaturas que narravam a vida de Jesus.¹¹

2.4 AS LÍNGUAS

Os textos sagrados, embora sejam postos como artefatos divinos têm, contudo, uma relação estreita e indissociável com o mundo e sua história. No caso do Novo Testamento, eles emergem de uma cultura greco-romana e com um pano de fundo judaico, e trazem, de forma indelével, as marcas desta origem no estilo, vocábulo e forma literária. Isto porque, no rol daqueles que escreveram o Novo Testamento, a maioria era

¹⁰ O termo grego usado para “acuradamente” é ἀκριβῶς, indicando, assim, um trabalho metódico de investigação (RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 102).

¹¹ “Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia” é uma importante obra traduzida para o português a qual traz os textos integrais destes livros antigos.

de judeus que deixaram certos elementos de sua religiosidade e cultura expressos em suas obras.

De fato, por serem procedentes do pano de fundo da cultura semítica, era muito difícil que os escritores do Novo Testamento não deixassem transparecer em seus escritos essa característica que se constituía como elemento formador de suas próprias identidades.

A constatação deste fato por Geisler e Nix (1991, p. 126) segue nos seguintes termos:

As línguas semíticas também foram usadas na redação do Novo Testamento. Na verdade, Jesus e seus discípulos falavam aramaico, sua língua materna, tendo sido essa a língua falada por toda a palestina na época. Enquanto agonizava na cruz, Jesus clamou em aramaico: '... Eli, Eli, lema sabactâni, que quer dizer: Deus meus, Deus meu por que me desamparaste?.

2.4.1 O aramaico

Uma das mais antigas línguas semíticas que foram faladas pelos povos do Oriente Médio, o aramaico, é aquela que deixou sua presença marcada pelo uso que Jesus e seus apóstolos fizeram dela, tanto em seus discursos como em seus escritos.

Sua história remonta ao uso que alguns impérios antigos fizeram desta língua em questões relacionadas à religião e administração.¹² Enquanto língua pertencente à família das línguas afro-asiáticas, o aramaico é considerado entre aquelas línguas do subgrupo das línguas semíticas, do qual, também, fazem parte o árabe e o hebraico.

Este idioma foi assimilado pelos judeus no tempo em que foram para o cativeiro babilônico e tornou-se predominante visto que após o cativeiro babilônico tal idioma veio a ser a língua oficial da Palestina. Nas palavras de Geisler e Nix (1991, p. 125):

O aramaico era a língua dos sírios, tendo sido usada em todo o período do Antigo Testamento. Durante o século VI a.C., o aramaico se tornou língua geral de todo o Oriente Próximo. Seu uso generalizado se refletiu nos nomes geográficos e nos textos bíblicos [...].

¹² O aramaico era uma língua comercial que os judeus aprenderam quando estiveram no exílio babilônico (598–538 a.C.) era falada por Jesus e ainda hoje é a língua materna de algumas pequenas comunidades no Oriente Médio, especialmente no interior da Síria; e sua longevidade se deve ao fato de ser escrito e falado pelos aldeões cristãos que durante milênios habitavam as cidades ao norte de Damasco, capital da Síria.

Pela leitura do Antigo Testamento pode-se facilmente observar que este idioma já era usado pelos escribas judeus já nos tempos de Esdras e Neemias (Ne 8.1-8) e que parte da composição do livro do profeta Daniel traz consigo a sua presença escrita.

Além dessa relação direta com a literatura veterotestamentária, é digno de referência que foi, também, na língua aramaica que tanto os Targuns¹³ (400 a.C. – 200 d.C.), como o *Talmude*¹⁴ e o *Midrash*,¹⁵ foram escritos (entre 100 a.C. e 500 d.C.).

Ora, tal influência do aramaico não ficou circunscrita a algumas partes do Antigo Testamento. Tal idioma também se mostra nas páginas do Novo Testamento, visto que na época do Novo Testamento, o aramaico era a língua falada pelo povo, tendo sido a língua materna de Cristo e de seus discípulos. De fato, “à medida que lemos os evangelhos observamos claramente que o aramaico era a língua comum do povo.” (DANIEL-ROPS, 1991, p. 174).

Esta variante da língua hebraica de teor popular – o aramaico - existia desde alguns séculos anteriores. Era a língua familiar que falava o povo em muitas cidades e pequenas povoações da Palestina em particular na região norte (Cafarnaum, Nazaré, Caná, Tiberíades, Corazim) onde Jesus foi educado, cresceu e passou a maior parte de sua vida. Ainda fora das fronteiras da Galileia, era falada e entendida.

Elementos constitutivos deste idioma nós os encontramos em várias passagens bíblicas tais como:

a. Na expressão de Cristo quando ele agonizando na cruz, dizendo: “*Eli, Eli, lema sabactâni*” (Mt 27.46), que quer dizer “Deus meu deus meu, por que me desamparaste?”

b. Na palavra *Raboni*, que em aramaico quer dizer “mestre”. Tal vocábulo evidencia que, muito provavelmente, os leitores de João não entendiam esse idioma, daí a necessidade de traduzir a palavra. João precisou traduzir ambas para o grego a fim de torná-las compreensíveis aos seus leitores gregos: “Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer Mestre)!” (Jo 20.16).

c. No termo *Cefas*, que quer dizer “rocha”. Enquanto sobrenome dado por Jesus a Pedro é um outro exemplo da influência da língua aramaica nos escritos

¹³ Segundo Daniel-Rops (1991, p. 174) os *Targuns* (*targumim*) eram traduções ou paráfrases do texto hebraico em aramaico, acompanhados ou não com comentários.

¹⁴ É uma obra da literatura religiosa hebraica que contém o registro dos debates rabínicos concernentes à Lei Mosaica e suas relações com questões éticas, morais, costumes e, também, questões referentes à história do Judaísmo. Tal obra ocupa lugar central para o Judaísmo rabínico.

¹⁵ Em seu sentido mais amplo o *Midrash* é o conjunto de comentários do Antigo Testamento nos quais elementos exegéticos, homiléticos, alegóricos e práticos são tratados.

neotestamentário: "E o levou a Jesus. Jesus, fixando nele o olhar, disse: Tu és Simão, filho de João, tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)." (Jo 1.42).

d. Por fim, podemos citar também outras expressões e palavras como: "*talita cumi*" que, traduzido quer dizer "menina, a ti te digo, levanta-te" (Marcos 5:41); "*abba*" que significa "pai" (Romanos 8.15); "*acéldama*", isto é, "campo de Sangue" (At 1.19).

Daquilo que se pode concluir no estudo do contexto histórico e cultural do primeiro século da era Cristã, o aramaico foi, muito provavelmente, a língua na qual Jesus se comunicou diariamente com seus contemporâneos uma vez que era língua comum com a qual os judeus tiveram que se comunicar no tempo do exílio babilônico e depois de voltarem para a Palestina.¹⁶

2.4.2 O hebraico

Além da influência da língua aramaica, o Novo Testamento traz em si elementos indelévels de matizes judaicas. Tanto Jesus como a maioria¹⁷ dos escritores neotestamentários eram judeus e deixaram certos elementos da língua e religião judaica expressos em seus escritos.

Com o exílio babilônico esta língua veio a cair em desuso pelos judeus que logo assimilaram o aramaico. Entretanto, por ter sido neste idioma que os livros sagrados da religião judaica foram escritos, tal idioma permaneceu sendo ensinado tanto nas escolas rabínicas como, também, na sinagoga onde os textos sagrados eram lidos.

Exemplo desta presença do hebraico nos tempos neotestamentários encontra-se no episódio narrado pelo Evangelho de Lucas (4,16-30), no qual Jesus entra na sinagoga e lhe é dada a oportunidade de ler o Antigo Testamento. Esta leitura certamente foi realizada em hebraico e sua explicação em aramaico.

A influência da língua hebraica sobre a literatura sagrada cristã foi expressa da seguinte forma por Geisler e Nix (1991, p. 126):

O hebraico fez sentir sua influência mediante expressões idiomáticas do hebraico [...] uma dessas expressões idiomáticas do hebraico traduzidas em português de diversas maneiras é 'sucedeu que'. Outro exemplo da

¹⁶ É digno de nota que, também, possivelmente, já na quarta ou quinta década do primeiro século, já existiam textos rudimentares, escritos em aramaico, dos quais os escritores do Novo Testamento fizeram uso ao comporem seus escritos (BITTENCOURT, 1993, p. 26).

¹⁷ Os estudiosos do Novo Testamento ainda hoje têm o escritor do livro de Hebreus como elemento incógnito na hagiografia neotestamentária. Seria ele um converso ao Cristianismo de origem judaica ou prosélita?

influência hebraica no texto grego, vemos no emprego de um segundo substantivo, em vez de um adjetivo, a fim de atribuir uma qualidade a algo ou alguém. Como exemplo citamos as expressões: ‘obra da nossa fé; do vosso trabalho de amor, e da vossa firmeza de esperança’. (1 Ts 1:3)”.

Além destes exemplos, pode-se também citar o uso de termos gregos, mas que vieram a ter um sentido circunscrito aos conceitos judaicos, como o caso de νόμος e μετανοέω. Ora, enquanto para os gregos e romanos o primeiro termo apontava para determinado conjunto de “regras fixas”, para os judeus a νόμος era a revelação da vontade divina ao povo escolhido. Já o vocábulo μετανοέω, para os cristãos primitivos era muito mais do que uma mera “mudança de mente/opinião”; esta palavra vinha prenhe de significações relacionadas às idéias de pecado e santidade. Conceitos estes próprios do Judaísmo.

Outros vocábulos alcançaram sentidos diferentes, como foi o caso de ἄγγελος e Χριστός. O primeiro, cujo sentido primário era para designar uma pessoa cuja função era entregar uma mensagem (mensageiro), veio a ser usado para indicar aqueles seres espirituais (os anjos) através dos quais YHWH dava a conhecer seus planos aos homens.

E outros, nada mais foram do que transliterações do hebraico para o grego como: μάννα, ἀλληλουϊα, ἀμήν, γολγοθά etc.

Entretanto, entre os vocábulos de grande importância certamente que Μεσσίας e Χριστός despontavam como entre dos fundamentais visto que refletiam a fé cristã primitiva que Jesus era o filho de Davi, o Messias prometido no Antigo Testamento. Foi nesse sentido que o escritor do Evangelho segundo João escreveu: “Ele achou primeiro a seu irmão Simão, e disse-lhe: Havemos achado o Messias (que, traduzido, quer dizer Cristo).” (Jo 1.41). Noutro texto, “Replicou-lhe a mulher: Eu sei que vem o Messias (que se chama o Cristo); quando ele vier há de nos anunciar todas as coisas.” (Jo 4.25)

Ora, nos tempos do primeiro século, estando o povo judeu sob o domínio romano, a esperança messiânica era um dos elementos que aglutinava grupos e grupos de judeus que desejavam ver a Palestina livre desse poder imperial. Sendo assim, os vocábulos Μεσσίας e Χριστός faziam parte do dia a dia dessas pessoas dentro de uma conotação especialmente judaica. O Χριστός não seria tão somente uma pessoa ungida, mas o filho de Davi vindo para reinar.

2.4.3 A língua grega

Os textos sagrados, embora sejam postos como artefatos divinos, têm contudo uma relação estreita e indissociável com o mundo e sua história. No início dos estudos da literatura sagrada era comum em certos círculos da igreja cristã atribuir à forma da escrita do Novo Testamento um tom sobrenatural. Entretanto,

A descoberta de papiros, óstracos e inscrições modificou algumas crenças básicas a respeito da própria natureza do Novo Testamento. Até o surgimento das obras de Moulton e de Miligan, *Vocabulary of the Greek New Testament, illustrated from the papyri and other non-literary sources* [Vocabulário do grego do Novo Testamento, com exemplos de papiros e de outras fontes não literárias] (1914), A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in light of historical research* [Gramática do grego do Novo Testamento à luz das pesquisas históricas] (1914), e de Adolf Deissman, *Light from the Ancient East* [Luz Oriunda do Antigo Oriente] (trad. De 1923), o Novo Testamento era considerado livro escrito de modo misterioso, entregue aos seres humanos numa língua que se supunha ser a do Espírito Santo. [...].(GEISLER e NIX, 1991, p. 148).

Essas novas descobertas, além de trazerem o pano de fundo histórico para o primeiro nível de análise, abriram, também, portas para o entendimento dos aspectos humanos e lingüísticos nos quais a literatura sagrada teve sua formatação.

No caso do Novo Testamento, soube-se que ele emergia de uma cultura greco-romana, e que trazia, de forma indelével, as marcas dessa origem no estilo, vocábulo e forma literária daquela língua própria do primeiro século da era Cristã, ou seja, o grego *koiné*. De fato,

[...] As obras desses homens, combinadas com os esforços de outros, demonstraram indisputavelmente que o Novo Testamento era um exemplo lúcido de linguagem coloquial do século I, o grego Koinê. Descobriram que o Novo Testamento não havia sido escrito numa 'língua perfeita', como alguns pais latinos da igreja haviam presumido, mas que em seu vocabulário, sintaxe e estilo, o Novo Testamento realmente é um registro do grego coloquial do século I. (GEISLER; NIX, 1991, p. 148).

E ainda Daniel-Rops (1991, p. 175):

O grego falado na Palestina assemelhava-se ao desenvolvido em Alexandria, uma variação deturpada, que se espalhara pelo mundo helenista, substituindo os dialetos ático, jônico, dórico, eólico e de outros locais. Este grego Koine ou internacional não passava de uma versão simplificada da linguagem clássica: não empregando mais palavras difíceis e abandonando algumas declinações e conjugações complexas; fazia uso das construções analíticas com preposições em lugar das formas sintéticas do grego clássico, adotando outrossim grande

quantidade das palavras estrangeiras, particularmente o latim, assim como alguns sons das línguas orientais. Não se tratava do grego de Platão, nem o dos trágicos, mas era uma língua útil e bem adequada ao papel internacional que viria a desempenhar.

Estes elementos suscitados acima por Daniel-Rops revolucionaram os estudos exegéticos, históricos e críticos de toda a literatura do Novo Testamento. Por eles foi necessário uma revisão de teorias, modos de abordagens dos textos e aspectos teológicos anteriormente firmados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o exposto acima fica evidente que o Novo Testamento não pode ser estudado no âmbito das literaturas sagradas sem que os elementos históricos que subjazem sua formação e que estão imbricados em suas estruturas gramaticais e semânticas sejam devidamente aquilatados.

A certeza de que certos elementos das memórias individuais e coletivas dos primeiros cristãos e comunidades originárias, fazem parte dos textos neotestamentários deve nos levar à inquirições exegéticas e interpretativas do porquê desses elementos terem sido escolhidos em detrimento de uma gama de outras tradições e reminiscências.

Tal empreitada, embora de difícil execução dado o hiato histórico e cultural que se interpõe entre o tempo da ação dos hagiógrafos e o estudioso da atualidade, é de fundamental importância para que sejam descortinadas as verdadeiras faces dos diversos modos de ser cristão que se fazia presentes no primeiro século e como estas tão antigas expressões de fé podem ser relevantes para os nossos dias atuais.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2 ed. rev. atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

APÓCRIFOS E PSEUDO-EPÍGRAFOS DA BÍBLIA. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: metodologia da pesquisa textual*. Rio de Janeiro: JUERP, 1993.

BORN. A. Van Den et al. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. V.II.

DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 1991.

DICIONÁRIO DA BÍBLIA. 21 ed. Rio de Janeiro: Candeia; JUERP, 2000.

DOUGLAS, J. D. (org.). *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1990.

GEISLER, Norman; NIX, William. *Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. São Paulo: Editora Vida, 1991.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave lingüística do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1995.